

# O enterro de Jesus

Evaristo Eduardo de Miranda

O sepultamento de Jesus obedeceu a ritos profanos e religiosos, próprios do judaísmo e do contexto religioso e político daqueles momentos terríveis. Quem "oficiou" as exéquias de Jesus foi um destacado fariseu, amigo de Nicodemos (Naqdimon ben Gurion), chamado Iossef de Ramataim, um homem rico e justo, membro notável do *San'hedrin*, do Sinédrio<sup>1</sup>. Ele é conhecido na tradição cristã como José de Arimatéia, um discípulo secreto (por medo?) de Iehoshua ben Iossef, de Jesus de Nazaré.

Iossef era do vilarejo de Ramataim, em grego Arimatéia, de localização incerta. Supõe-se estar situado a noroeste de Jerusalém, a leste de Jope (a Nablus dos dias de hoje), provavelmente idêntica a Rama (*thaim*) do Antigo Testamento (IS 1,1), na montanha de Efraim, país natal do profeta Shemuél. Outra hipótese é que seria a cidade hoje chamada Rentis. O sentido hebraico da palavra Ramataim designa a altura (*ram*) dupla (*staim*), a Dupla Elevação, designando provavelmente uma cidade com dois bairros situados em colinas vizinhas. Mas o nome também permite uma especulação simbólica.

Seu testemunho humano é esclarecedor do relacionamento, de pelo menos parte, dos fariseus com Jesus. Sua ligação com de Iehoshua ben Iossef, o Jesus de Nazaré era grande. Como bom fariseu (e não somente como fariseu bom), ele fará um gesto, quando da morte de Jesus, cuja coragem, audácia, benevolência e compaixão vão

valer-lhe uma menção unânime (fato raro) em todos os evangelhos (Mt 27,57-59; Mc 15,43-45; Lc 23,50; Jn 19,38)<sup>2</sup>. Após a morte de Jesus, no que pesem as terríveis circunstâncias políticas e humanas implicadas, num lance de ousadia e de quem não deixa intimidar-se, José de Arimatéia vai pessoalmente reclamar junto a Pôncio Pilatos a liberação do corpo de Jesus, para dar-lhe sepultamento e cumprir os ritos de exéquias.

Para descrever esse gesto, o evangelho de Marcos usa o termo "tomando coragem" já que a lei romana previa que os crucificados deviam tornar-se presa de abutres, cães e animais selvagens. Pilatos permite, não sem antes estar seguro da realidade da morte do Jesus de Nazaré (Mt 15,44). Sua situação de "nobre conselheiro", mencionada por Marcos, indica que José de Arimatéia era um homem suficientemente importante socialmente para ter livre acesso a Pilatos. Se esse título, como muitos acreditam, indica que ele era membro do *San'hedrin*, seu gesto toma também um significado adicional de coragem e independência.

Junto com os fariseus amigos de Jesus, José de Arimatéia sabia que a tradição judaica era a de sepultar os mortos no mesmo dia de sua morte (Jo 11,27). No caso de um enforcado, a Lei exigia esse procedimento (Dt 21,23). Os romanos, pelo contrário, tinham como lei deixar os cadáveres dos crucificados à mercê dos animais selvagens e aves de rapina.

Estava-se na preparação do *shabat* da Páscoa. Esse favor pedido a Pilatos por José de Arimatéia tem também um alcance religioso: tratava-se, na liturgia judaica, do *shabat* da libertação dos hebreus da escravidão, na véspera da Páscoa (*Pessach*), de uma importância litúrgica muito particular (Ex 12,16).<sup>3</sup>

"Ele (José de Arimatéia) vem, então, e leva o corpo de Jesus" (Jo 19,38). Dadas as circunstâncias da morte, pode-se apenas imaginar – em silêncio respeitoso – o que implica a realização prática e efetiva dessa frase por esse fariseu piedoso. Ele deve ter concluído sua tarefa, unguento pelo sangue e pelo suor de Jesus. Essa mistura de suor e sangue também impregnará um lençol para toda a eternidade, segundo a crença dos cristãos<sup>4</sup>. Esse gesto ousado de José de Arimatéia talvez relativize e dê outro significado para seu discipulado "secreto" junto a Jesus. Normalmente, o clandestino de um partido ou de uma seita nunca é apreciado, mas o comprometimento público – no mais alto nível – de José de Arimatéia para pôr a salvo o corpo de Jesus vai torná-lo merecedor de menção elogiosa pelos quatro evangelistas. Marcos dirá: "Ele também esperava o reino de *Elohim*" (Mc 15,43).

Ele oferece o mausoléu de sua família, uma sepultura cavada no rochedo do Calvário, bem próximo ao local da crucifixão. Ali, ajudado por outro fariseu, Naqdimon ben Gurion, o Nicodemos, ele sepultará o corpo de Jesus, seguindo estritamente os

ritos previstos pelos fariseus nessas circunstâncias.

Segundo relato de Marcos, José de Arimatéia é quem compra a mortalha, essa longa peça de linho na qual os judeus tinham a costume de envolver seus mortos. Nesse início de crepúsculo de véspera do *shabat*, quando as velas começavam a ser acesas nos lares para a celebração, o fariseu José de Arimatéia desce Jesus da cruz, envolve-o em seus braços e deposita na mortalha de linho. Nicodemos e José de Arimatéia buscam observar as práticas rituais prescritas pelos fariseus numa situação limite, levando grande quantidade de aromas preciosos: mais de trinta quilos de mirra e aloés<sup>5</sup> (Jo 19,39)! Nesse gesto, Nicodemos vê em Jesus o messias de Israel. "Ele pretende dar-lhe funerais reais e, como acontecia com os reis" e as figuras importantes, queimar grandes quantidades de incenso purificador durante o sepultamento do mestre supliciado. Sendo um fariseu, ele vem certificar-se de que os ritos de sepultamento serão respeitados<sup>6</sup>. Ele próprio se encarrega disto, trazendo o que será necessário para pôr no túmulo". Finalmente, eles o depositam na sepultura cavada na rocha<sup>9</sup>, onde ninguém ainda havia sido posto (Lc 23,53).

Essa precisão, sepulcro novo pertencente a José de Arimatéia, é retomada em Mateus (27,60) e significa que a sepultura fora cavada por ele mesmo e por sua família. Segundo André Chouraqui, a precisão é importante: "ela prova que, aos olhos da Torá,

<sup>1</sup> Sinédrio, termo de origem greco-hebraica, derivado do grego *Sinedrion*, "assembleia reunida em sessão".

<sup>2</sup> Conselho religioso supremo, segundo a tradição é constituído por cerca de setenta anciãos, sediado na Câmara da Pedra Talhada, no Monte do Templo. Sua origem teria fundamento na designação por Moisés de um conselho de setenta anciãos e escribas do povo (Nu 11,16). Seus membros eram recrutados em três classes: entre os chefes das famílias nobres, os sacerdotes de alta posição e os notáveis fariseus. Funcionava como suprema corte e legislatura.

<sup>3</sup> Até porque a imensa maioria dos discípulos de Jesus estava escondida e aterrorizada.

<sup>4</sup> André Chouraqui. A Bíblia. Iochanan. *Ibid.*

<sup>5</sup> Pierre Barbet. A paixão de Cristo segundo o cirurgião. Loyola. S. Paulo. 1997. 236p.

lehoshua podia se beneficiar sem problema de uma sepultura normal, o que não teria sido o caso se ele tivesse sido condenado à morte por um tribunal rabínico. Os condenados à morte, em virtude da *Torá*, eram enterrados em um local à parte de um cemitério especialmente reservado para eles. Vítima dos romanos, lehoshua, ainda que crucificado, tem direito a uma sepultura normal<sup>10</sup> e aos ri-

tos previstos pela tradição religiosa do judaísmo. A privação da sepultura era vista como uma grande maldição (Dt 28,26; 1Rs 21,23; 2Rs 9,36; Si 34,3; 66,24; Jr 7,33; 14,16; 19,7; 22,19; 25,31)

Ajudado por muitos homens, possivelmente amigos fariseus, José de Arimatéia rola a pedra circular. Provavelmente ela avança sobre uma canaleta, até a abertura, do sepulcro. Do

exterior, pela entrada, era possível ver o lugar onde o corpo havia sido deixado, deitado. Não havia mais tempo para nada. Sobre essa pedra circular que fecha a entrada vai parar o olhar contemplativo de duas mulheres: Miriâm de Magdalá e a Miriâm de Iossef e de Yaacov. Imediatamente José de Arimatéia se retira, junto com seus irmãos fariseus. É *shabat*.

<sup>5</sup> Pó aromático citado junto com a mirra no *Shir Hashirln*, no Cântico dos Cânticos 4,14. Usados para incensar e combater o odor de putrefação do cadáver.

<sup>6</sup> 2Cr 16,14; Jr 34,5

<sup>7</sup> Flávio Josefo informa, no livro *Antiguidades*, que no funeral de Herodes, o Grande, quinhentos escravos trouxeram os aromatizantes destinados ao seu túmulo.

<sup>8</sup> Os ritos eram relativamente simples: lavava-se o cadáver, ungia-se com óleo perfumado e apenas envolviam-no em um lençol.

<sup>9</sup> Era comum que as sepulturas fossem talhadas na pedra.

<sup>10</sup> André Chouraqui. *A Bíblia. Matyah. Imago*. Rio de Janeiro. 1996.